

Alterações no grafismo televisual no Jornal Nacional: uma atualização das tipologias e usos¹

Ana Juliana FONTES²
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

RESUMO

Com as constantes mudanças advindas da inovação tecnológica e novas formas de produção de notícias, o Jornal Nacional passou por algumas alterações, sejam em suas rotinas, no cenário, na imersividade, na influência do jornalismo multitelas, entre outros. Essas mudanças possivelmente também refletiram no seu grafismo televisual (recursos gráficos utilizados para compor a narrativa). O artigo tem como objetivo verificar tais mudanças e reconfigurações nesses recursos, avaliando edições do telejornal no ano de 2024 por meio de uma análise de conteúdo. Com o estudo da amostra seria possível identificar as características emergentes que influenciam em sua composição, atualizando suas tipologias e usos.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; grafismo televisual; visualidades; cenário; recursos gráficos

INTRODUÇÃO

O telejornalismo passa por uma série de mudanças advindas com os avanços tecnológicos e os ambientes digitais, surgem constantemente com “novas roupagens” (Duarte, 2020), sejam em suas rotinas, nos cenários, nas formas de circulação e consumo do conteúdo, nas produções e interação com o público, em suas narrativas e nas reconfigurações advindas com a covid-19 (Pereira, Coutinho, 2023; Mello Silva, 2017). A constante necessidade de reinventar as linguagens e mecanismos expressivos utilizados nos produtos televisivos resultam em produções que manifestam uma variedade de recursos para fomentar maior visualidade no processo comunicativo, integrando sua estrutura e linguagem. As imagens utilizadas nessas produções, além daquelas capturadas pela lente da câmera, também podem ser manipuladas por computador e, inclusive, atualmente, por meio de Inteligência artificial (IA). Em outros trabalhos da autora (Fontes, 2016) e fruto de sua dissertação de mestrado (Fontes, 2014) já foram propostas tipologias e alguns usos para os recursos gráficos identificados no

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Jornalismo (PPGJOR/UFSC) e doutoranda em Mídias e Gestão do Conhecimento (PPGEGC/UFSC). E-mail: juliannafontes@gmail.com

JN, os quais fazem parte do grafismo televisual (Machado, 2003; 2015), sendo eles categorizados conforme definição proposta nesses trabalhos, como: quadros complementares; texto destaque; fotografias, pinturas e ilustrações; gráficos; mapas; ilustrações animadas; holografias; infografias³ (Quadro 01, abaixo).

Quadro 1 - tipologias para os recursos gráficos no JN (PROPOSTA ORIGINAL)

<p>SET CLEAR OBJECTIVES</p> <p>Os quadros são geralmente similares a tabelas, apresentam dados de forma concomitante e contínua. Destacam particularidades ou evidências com informações tipográficas (podendo haver elementos icônicos também), que apresentam o conteúdo quando há necessidade de complementaridade da narração em off, podendo ser igual ou parcialmente diferente do texto em áudio.</p>	<p>TEXTO DESTAQUE</p> <p>São elementos tipográficos usados ao longo da narrativa juntamente com a locução em off e as imagens em movimento. Tais recursos orientam o que se deseja por evidência no material, forma complementar ou adicional ao conteúdo, melhorando a visualização ou fixação de aspectos da narrativa. Os elementos tipográficos, as cores e a grafia em negrito utilizados têm como finalidade básica chamar a atenção do telespectador para alguns trechos do texto da narrativa em off.</p>	<p>FOTOGRAFIAS, PINTURAS E ILUSTRAÇÕES</p> <p>São usadas como elemento estático dentro da estrutura da narrativa audiovisual, principalmente quando sua utilização traz informações importantes, podendo demonstrar acontecimentos que a filmagem não conseguiu capturar ou que já ocorreram.</p>	<p>MAPAS</p> <p>Apresenta em sua maioria o elemento icônico (cartográfico) juntamente com a tipografia. Refere-se à localização geográfica, parte dela ou o contexto da mesma para situar o telespectador no espaço correspondente ao conteúdo da narrativa.</p>	<p>ILUSTRAÇÕES ANIMADAS</p> <p>É utilizada apenas para dar destaque ao que se deseja pôr em evidência e ajudar na informação dentro de cada produto. Em alguns casos é possível serem apresentados de outra forma, ou até mesmo com imagens geradas pela câmera. Contudo, quando a imagem é apenas uma ilustração ao texto e não há uma inter-relação direta entre os seus elementos na narrativa não se constituindo efetivamente como infografias segundo o conceito adotado nessa pesquisa.</p>	<p>HOLOGRAFIAS</p> <p>As holografias são o registro da exposição de imagens com características tridimensionais de objetos, pessoas, fenômenos e acontecimentos em algum meio; os hologramas são as imagens holográficas do todo presentes no recurso. O uso desse recurso permite ao narrador atuar entre e/ou de forma muito participativa junto às informações, dando uma ideia de interação com os elementos.</p>
		<p>GRÁFICOS</p> <p>Descrevem uma gama de resultados ou dados diferentes ao telespectador em sequência. Tem o intuito de agrupar as informações ou sintetizá-las, fazendo correspondência através de suas proporções com as informações narradas. Geralmente as variáveis dos dados, complementam ou destacam elementos da narrativa através de cores e a tipografia em destaque.</p>	<p>INFOGRAFIAS TELEJORNALÍSTICAS</p> <p>No telejornalismo podem se diferenciar de uma animação propriamente dita, principalmente, pela manutenção da inter-relação indissociável entre texto e imagem conduzidos por uma narrativa, e ainda, pela função informativa que exercem dentro de produtos jornalísticos, uma vez que adotamos a perspectiva proposta por Teixeira (2010) que as compreende como um subproduto do gênero informativo, ou subgênero. Ela propõe que a infografia deve se dar partir da inter-relação indissociável entre o texto e imagem conduzidos por uma narrativa.</p>		

Fonte: Adaptado de Fontes (2014, 2016).

Contudo, como já foi dito, com a evolução natural dos produtos, o telejornalismo também vem sendo moldando por novas práticas e reformulando antigas abordagens por meio de inovações tecnológicas, que influenciaram mudanças em maior ou menor grau na proposta dessas tipologias e nas características que as constituem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

³ O quadro acima está sintetizado por conta de limitação de espaço e trará mais imagens para exemplificação no artigo final.

O artigo tem como questão norteadora: quais foram as alterações **sofridas no *Jornal Nacional* (JN)** em seu **grafismo televisual** que possam alterar, complementar e atualizar a proposição de tipologias e usos anteriormente abordados (Fontes, 2014; 2016). Objetiva-se verificar tais mudanças e as reconfigurações nesses recursos por meio da influência das características do telejornalismo atual em sua composição. Tem como amostragem de pesquisa 6 meses de edições do telejornal - coletados episódios da última semana de cada mês (janeiro até junho de 2014), com matérias que continham recursos gráficos exibidos no telejornal. A pesquisa é empírica e qualitativa, tendo como método a Análise de Conteúdo para interpretação dos dados. Baseada nos estudos de Laurence Bardin (2015), esse método permite a interpretação sistemática e objetiva de formas de comunicação (Bardin, 2015, p. 32), sendo possível aplicar também em análises visuais. É composto por três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados/interpretação. Na ETAPA 1 - pré-análise - os episódios do telejornal foram selecionados para identificar os elementos gráficos e visuais utilizados. Na ETAPA 2 - exploração do material - esses elementos seriam categorizados com base em suas características visuais semelhantes. Finalmente, na ETAPA 3 - tratamento dos resultados/interpretação - foram identificados os padrões de uso dentro da narrativa jornalística e comparando-as com as tipologias e usos já propostos, evidenciando a influência das características emergentes observadas em sua composição.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: ATUALIZAÇÕES PARA AS TIPOLOGIAS E CARACTERÍSTICAS DO GRAFISMO TELEVISUAL NO JN

O "*graphics*" abrange toda a representação dos códigos gráficos (traços e sinais gráficos), fotográficos, icônicos (em maior ou menor ordem de abstração), elementos tipográficos e a combinação deles. O *motion graphics* (gráfico em movimento ou animado) então seria o audiovisual de natureza gráfica com movimento. E o grafismo televisual seria toda essa gama de recursos que compõem o fluxo visual dos programas (Machado, 2003; 2015).

Na TV suas primeiras aparições remetem à “concepção e criação da identidade das emissoras, além das vinhetas, quadros de interprogramação⁴, logomarcas e *spots* de propaganda dos patrocinadores” (Fontes, 2016). O grafismo televisual (da TV) trata do fluxo visual como um todo, que complementa o padrão gráfico concebido e pensado para cada programa, sendo influenciado pelo cinema e potencializado pelo advento da computação gráfica (Machado, 2003; 2015). A imagem gráfica é definida por Arlindo Machado (2003) como imagens técnicas, processadas por computador e que recorrem a certos aspectos da realidade, sendo diferente da figurativa pois “visa produzir um efeito de realidade, a imagem gráfica pratica uma estilização, uma redução ao essencial em termos visuais, que pode chegar até a abstração pura” (Machado, 2015, p. 244). Elas são bidimensionais (sendo tridimensional a holografia) e que podem simular profundidade com técnicas diversas; os traços coincidem com os limites do seu ‘quadro’, enquadramento; tem ênfase na montagem, sendo geradas eletronicamente (idem, 2015, p. 242-244) e digitalmente (acrescendo aqui por considerar a solidificações dos meios digitais).

Já que a emergência do cenário digital tem intensificado o uso de modelagens e animações, no telejornalismo isso também é perceptível. Se voltar ao JN, podemos verificar de cara a mudança ocorrida no cenário, nas bancadas com aspectos 3D (ocorrido em 2017), ou quando apresentou uma nova identidade (em dez. 2021). Sua abertura (vinheta) vem remetendo a ideia de um panorama 360 graus na redação⁵, sendo integrada com sua bancada (Figuras 01, abaixo), sugerindo uma imersão dentro do próprio telejornal com o uso de realidade aumentada, na qual “a base é o ambiente real que é enriquecido por informações digitais” (Melo Silva, HiguchiYana, 2019). Essa proposição também coincide com a exibição da história “em-se-fazendo” (Duarte, 2020, p. 120), ou seja, parece sempre estar sendo sempre complementada, atualizada constantemente, remetendo inclusive com a interação da cenografia da redação ao fundo (Musse, Chaves e Musse, 2020).

⁴Os quadros de interprogramação eram cartões estáticos que tinham traços inspirados em desenhos do Walt Disney e no desenhista brasileiro Luiz Sá, que ficavam no ar entre um programa e outro, permitindo assim o tempo para a equipe preparar a próxima atração da programação.

⁵ Mesmo não sendo um vídeo 360° e sim filmado por um *travelling*, conforme apontou Alexandre Arrabal, diretor de arte do JN em entrevista concedida pelos 50 anos de história do telejornal.

Figuras 01: Nova Vinheta de abertura – Jornal Nacional (iniciada em 2017)



Fonte: Print de tela do Jornal Nacional, 2024.

A concepção visual dos recursos gráficos seguem o mesmo padrão implementado pela vinheta, com aspectos de maior transparência, uma tendência mais moderna e tecnológica “ao retratar o tempo hiperconectado em que vivemos”, como bem definiu o diretor de arte, Alexandre Arrabal⁶ (2017). O exemplo da tipologia “quadro complementar” (Figuras 2 abaixo, a esquerda) é possível verificar essa padronagem. A convocação dos repórteres em quadros como o de previsão do tempo (Figuras 02, abaixo) surge a partir de outros cenários, multiplicidade de telas – que registram a interação e fragmentos de outros locais, apresentadas simultaneamente (Duarte, 2020), o que na categorização das tipologias iniciais era marcado pela presença de “holografias” ao invés dessa interação de telas. O tom da narrativa atua de forma mais intimista e informal (Musse, Chaves e Musse, 2020), remetendo sempre a uma proximidade.

Figuras 2: Exemplo “Quadro destaque” e multitelas no quadro previsão do tempo



Fonte: Print de tela do Jornal Nacional, 2024.

⁶ Diretor de Ilustração e Arte, responsável pelo cenário e pelo visual dos programas jornalísticos e esportivos da Globo desde 1992 - 2023. Disponível no link: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/alexandre-arrabal/noticia/alexandre-arrabal.ghtml>

Imagens fornecidas por telespectadores, produzidas por *smatphones*, são utilizadas como contribuição das narrativas, ponto esse advindo principalmente com a pandemia Covid-19 (Pereira, Coutinho, 2023) e entram dentro do padrão gráfico já estipulado para manter a identidade, principalmente dentro da tipologia do agrupamento “fotografias, pinturas e ilustrações”.

Outra característica evidenciada foi que o próprio cenário também é “palco” de contextualização das reportagens, como se o âncora também estivesse dentro de suas narrativas. O fundo em alguns momentos traz imagens condizentes com o que está sendo dito pelo apresentador e tem relação direta com a cobertura do texto (Figuras 3, abaixo).

Figuras 03: Exemplo “Quadro destaque” e multitelas no quadro previsão do tempo



Fonte: Print de tela do Jornal Nacional, 2024.

Apesar de trazer a sensação de imersão, não se pode dizer que trata de uma experiência imersiva propriamente dita, por conta que não há autonomia de interação do telespectador com a imersão, já que o jornalismo imersivo “tem o objetivo de potencializar a relação com o telespectador, ampliando os limites da tela e diminuindo a distância com o fato noticiado por meio de recursos amparados nas realidades virtuais e aumentada” (Melo Silva, HiguchiYana, 2019, p. 44).

Além dessas características evidenciadas, outras podem ser observadas, devendo ser contempladas até o final da análise do corpus da pesquisa. No que concerne às tipologias anteriormente propostas, parecem não ter havido grandes mudanças no geral, principalmente em sua nomenclatura, mantendo a mesma base de agrupamento. Contudo, conforme levantado de forma resumida até aqui (já que a pesquisa ainda está em andamento), nas características que as constituem sim, houve mudanças - o que pode ajudar a aprofundar e atualizar suas definições e usos.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O artigo teve como objetivo verificar possíveis mudanças nas tipologias e nas reconfigurações de recursos gráficos por meio da influência das características do telejornalismo atual em sua composição. Mesmo com novos aportes tecnológicos, não foi evidenciado necessidade de criar novas tipologias dentro das que foram propostas anteriormente pela autora do artigo. Isso pode ter se dado pelo Jornal Nacional ser um programa muito tradicional e que tem uma estrutura muito bem demarcada e com padrões clássicos a serem mantidos em sua exibição base, que é na televisão. Ou seja, os princípios básicos que nortearam o agrupamento das tipologias dos recursos pouco foram modificados, mas sua gramática e forma representativa foi influenciada por ajustes devido as características emergente e preliminares evidenciadas.

Foi possível identificar também que os recursos gráficos ganharam maior amplitude e profundidade, remetendo aos aspectos que surgem do próprio cenário e sua concepção visual. Mais uma evidência de que o grafismo televisual está imbricado em todo o fluxo visual dos programas e é agente definidor da condução das peças gráficas e design.

Mesmo com a pandemia, na qual o uso de recursos gráficos foi consideravelmente maior, foi observado que com a dinamicidade a rapidez das notícias (pautadas em outros meios mais rápidos, como a web), que surgem ao longo do dia e refletem diretamente na composição do espelho final do telejornal, possivelmente pautam mais as matérias de última hora, as quais são pouco produzidas e não apresentam muitos recursos gráficos.

Por fim, é possível concluir que sendo elementos do JN, um dos mais antigos e tradicionais telejornais, os recursos têm como fundamento manter suas marcas próprias e agregar na potencialidade das informações de forma mais padronizada e linear com sua identidade visual já consolidada.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, nova edição, 2016.

DUARTE, E. Telejornais - Novas tendências estruturais. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. 1º ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020. p. 119-127.

FONTES, A. J. **Unidades infotelejornalísticas no Jornal Nacional**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2014.

_____. O Grafismo Televisual e Sua Utilização Como Recurso Informativo no Telejornalismo. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. **Anais eletrônicos...** Curitiba, PR – Maio de 2016.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 3º Ed. - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

_____. Por um audiovisual gráfico. Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. v. 4 n. 1 (2015): **REBECA** 7. Disponível em: <https://doi.org/10.22475/rebeca.v4n1.168>

MELLO SILVA, E. **Bases Epistemológicas do Telejornalismo**: entre a teoria e a prática. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2017, São Paulo, SP. Anais eletrônicos [...] São Paulo: ECA/USP, 2017.

MELLO SILVA, E.; KEY HIGUCHIYANAZE, L. Narrativas jornalísticas com Vídeos 360: aspectos históricos e conceituais do telejornalismo imersivo. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 29–46, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.26057. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26057>. Acesso em: 29 jun. 2024.

Musse, C.; Chaves, A. P; Musse, Mariana Ferraz: Os cenários do telejornalismo em tempos de pandemia.. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis, SC, Editora Insular, 2020. p. 223-237.

PEREIRA. G.; COUTINHO, I. Telejornalismo e desinfodemia: Reflexões sobre novas práticas e processos produtivos pós pandemia Covid-19. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2023. Minas Gerais-MG. **Anais Eletrônicos...** Minas Gerais: PUC-Minas, 2023.

TEIXEIRA. T. **Infografia e Jornalismo**: Conceito, análises e perspectivas; prefácio Luiz Iria. – Salvador: EDUFBA, 2010.